



Retirado de sua tribo ainda criança, Itamarai correu todo...



Fotos Oswaldo Jurmo

... o País e acabou preso na cadeia da cidade de Sto. André

Itamarai, um cacique à espera da liberdade

RENATO LOMBARDI

Aparência ainda jovem, três esposas, 21 filhos, seis netos, esse homem de 56 anos recolhido ao presídio de Santo André, com outros 272 presos, tem uma história incomum, onde lances inesperados compõem um fascinante e amargo relatório de violência, incompreensão e medo: caçado a laço e aprisionado aos 8 anos de idade, durante a construção da estrada de ferro Madelra-Mamoré, serviu com o Marechal Rondon, foi recrutado para ser expedicionário da FEB, liderou tribos e foi amigo de presidentes da República.

Hoje, os cabelos de Itamarai Nhambiquara lisos, pretos e longos foram cortados na prisão, onde está por ter matado Benedito da Cruz Tavares, "um branco que explorava índias", e tem apenas um desejo: voltar para sua

roça, continuar a montar arcos e flechas, criar os oito filhos menores de sua atual esposa e "ser índio novamente".

Mas a vida de Itamarai Nhambiquara, depois que se tornou um civilizado, mudou muito. Esteve envolvido com policiais militares, que metralharam sua cobra — uma jibóia usada para atrair público nas praças. Com suas mulheres e índios de sua tribo percorreu vários Estados, vendendo ervas e artesanato, frequentou o Senado, onde brigou com a segurança, e acusou a Funai de maltratar o índio. Itamarai confessou ter bebido muito, ter enfrentado fiscais da Prefeitura que pretendiam impedi-lo de trabalhar, e de ter feito, inclusive, greve de fome para sensibilizar as autoridades e sair da prisão onde está há quase quatro meses.

Vida de muitas histórias

Itamarai nasceu em Taruacamá, no Amazonas, e quando menino acompanhava os índios mais velhos no ataque aos homens que construíam a estrada de ferro Madelra-Mamoré. "Meu pai e meu avô eram contra o trem e roubávamos tudo que podíamos, desde madeira para calçar o trilho até os dormentes, que jogávamos no rio." E, num dos ataques, Itamarai Nhambiquara foi capturado. "Fui pego a laço, levado com um outro índio da minha idade, o Prokon, para Sangradouro, e entregue aos padres da missão dos Salesianos, no Mato Grosso." O cacique Nhambiquara, posto que recebeu com a morte do pai, contou que muitos índios morreram eletrocutados nos ataques aos construtores da estrada de ferro e ficou na missão até os 18 anos, trabalhando na lavoura.

"Os padres queriam ver a gente só trabalhando e uma vez rebeli e levei um tapa no rosto. Foi tão forte que perdi um dente e hoje — aponta para a boca — tenho um postigo. Mas pode ver que meus dentes são quase todos perfeltos por que eu sempre os culdei". Da missão, Itamarai seguiu para o Exército sendo encaminhado ao Marechal Rondon, no 2º Batalhão da Fronteira, em São Luís de Cáceres, no Mato Grosso, e destacado posteriormente para o forte do Príncipe, na margem do rio Madeira. "Aprendi a ser telegrafista e fiquei muito tempo auxiliando na rede telegráfica. Em 1943 minha mãe casou com um cacique da tribo Tupi-Guarani, deixou o Amazonas e foi morar numa reserva de Capaçava, no Interior de São Paulo. Pedi ao Marechal Rondon para acompanhá-la e ele autorizou meu engajamento no Batalhão do Exército daquela cidade onde aprendi a guiar caminhões".

Quando se refere ao Exército, Itamarai Nhambiquara cita os nomes de diversos oficiais e fala do general Gentil Falcão, que pretendia levá-lo para a Itália. "Como pracinha fiquei esperando a chamada para o embarque, mas compiquei minha vida por que bebi muito numa noite e tomei um caminhão. O comandante da Companhia Motorizada me condenou a dois meses de cadeia e fui desligado, encaminhado depois para a reserva onde estava minha mãe, em Peruibe, no litoral Sul de São Paulo". Falando Tupi-Guarani, Nhambiquara, e outras línguas indígenas, Itamarai disse que, na reserva, apreendeu artesanato, passando a liderar um grupo na montagem de arcos, flechas e colares.

Os recursos eram poucos para sustentar a tribo e passou a vender raízes "que curam dores de estômago, mal estar e dores de cabeça" e peças de artesanato. Das praças dos municípios do litoral, Itamarai e sua tribo passaram a percorrer alguns bairros da Capital. Foram para a reserva de Parahelros, próximo de Santo Amaro, e o contato diário com "os brancos" começou a mudar a vida de alguns índios, principalmente Itamarai. "Tive que brigar para trabalhar, pois os fiscais da Prefeitura não deixavam. Do Largo 13 de Maio, em Santo Amaro, passei a frequentar a praça da Sé, e consegui autorização da Funai e da Prefeitura."

As mulheres, crianças e homens de sua tribo vendiam suas peças e voltavam para a reserva no fim do dia, mas Itamarai passou a frequentar bares no centro da cidade e na rodoviária. Bebia somente uísque e conheque e tudo que ganhava gastava nisso. Do seu primeiro casamento, com a índia Nhambiquara, Dahari, teve apenas um filho, hoje com 29 anos, e que trabalha como motorista de ônibus na empresa Pioneira, em Brasília. Dahari morreu vítima de febre amarela. A segunda esposa de Itamarai foi uma loura, filha de italianos, e com ela teve 12 filhos. Moraram algum tempo em Guaianazes, bairro de São Paulo, e ela o deixou por não concordar em se mudar para a reserva de Parelheiros. Com Uslá, sua atual mulher, filha de índia Nhambiquara e fazendeiro, Itamarai teve 10 filhos — dois morreram — e ela está em São Paulo com as crianças, amparadas pela Funai.

Depois de alguns anos na Capital, vendendo raízes e artesanato, Itamarai passou a frequentar os municípios da

Grande São Paulo e, em Santo André, envolveu-se com Benedito da Cruz Tavares, que agia como outros ambulantes: "embebedava os índios, ficava com o dinheiro e se aproveitava das mulheres". Foi em março de 1978, próximo da estação de trens Itamarai irritou-se com Benedito que pretendia levar quatro índias, duas delas com 16 anos, para Goiás e decidiu enfrentá-lo: "Levei uma faca pois sabia que ele era perigoso e já matara duas pessoas, no Pará e em Goiás. Eu tinha bebido um pocuco, brigamos e o matei".

Autuado em flagrante na Delegacia de Polícia de Santo André, Itamarai Nhambiquara ficou pouco tempo preso, pois advogados da Funai conseguiram levá-lo para Brasília onde recebeu uma área para morar com 10 famílias, de sua tribo. Em setembro de 1979, pretendendo uma autorização para vender arco, flechas e colares, em Presidente Prudente, Itamarai invadiu o Senado e foi contido pelos homens da segurança. Brigou, bateu, apanhou e falou com o então líder do governo, Jarbas Passarinho, saindo horas depois com a promessa de que os responsáveis pela Funai conversariam com o prefeito de Presidente Prudente.

"Eu sou assim mesmo — explica — e luto contra a má vontade das pessoas. Dizem que sou doído. Mas pergunto: é louca uma pessoa que denuncia a assistência social da Funai que provoca a morte de um filho? Pois denunciei a morte do meu filho que teve desidratação e nada fizeram para curá-lo." Itamarai, em maio do ano passado, entrou com o filho doente no Ministério do Interior para pedir ajuda do ministro Mário Andreazza e o garoto, de quatro meses, foi encaminhado para o Hospital de Luziânia, onde morreu.

Além do processo por homicídio, Itamarai respondeu a outro, por periclitado de vida, acusado por um tenente da Polícia Militar de São Paulo de ter tentado matá-lo com uma cobra jibóia condenada a três meses. Como era primário, obteve sursis. Mas, Itamarai tem outra versão: "Foi na época em que eu bebia e morava num hotel perto da estação rodoviária. Fiquei bêbado num bar, briguei e fui parar na delegacia. No caminho, os soldados ficaram com um anel de ouro, presente da viúva do marechal Rondon e com mais de 12 mil cruzeiros. Quando passou a bebedeira voltei à delegacia e denunciei o roubo. Foi meu azar pois com a polícia a gente nunca deve se meter. Uma noite estava no hotel quando chegaram. Eram mais de 20 policiais militares e mandaram abrir a porta. Não atendi e jogaram uma bomba de gás. Quando abri, fui agarrado e apanhei muito. Depois, queriam saber onde estava a cobra. Era uma Salamandra de Vareda, idêntica a jibóia, sem veneno, que eu comprara no Butantã. Apontaram a metralhadora, mataram a cobra dentro de uma mala e fui levado para a delegacia onde mostraram a cobra morta e disseram que eu a jogara no oficial".

Itamarai estudou até o 3º ano primário no colégio da Funai, e "por causa da bagunça que os índios Terenas faziam, perdi a bolsa". Nas suas andanças pelo interior de São Paulo vendendo artesanato, se envolveu numa briga em Jundiá quando um comerciante mexeu com sua esposa e soltou na praça as cobras que carregava. "Os índios não são bem vistos em alguns lugares pois os moradores pensam que estamos pedindo esmola". Mostra com orgulho o cartão de identidade nº 36.683 da Funai e reclama dizendo que os irmãos Vilas-Boas dão atenção somente aos índios do Xingu. "Estou tentando contato com um deles. Minha mulher já esteve três vezes na casa do Orlando e não o encontrou".

No mês passado, Itamarai foi transferido da cadeia de Santo André para o hospital da Penitenciaría do Estado. Magro, não se alimentava e pensava que iria morrer com leucemia. Um tratamento de 25 dias foi o suficiente. O cacique Nhambiquara estava com anemia aguda e, quando recebeu alta, decidiu fazer greve de fome em solidariedade ao irlandês Bob Sandes. Parou logo depois.